

ARMANDO CARNEIRO

VISÃO PANORÂMICA  
ECONÓMICO-SOCIAL

DA

INDÚSTRIA NACIONAL

DA

CORTIÇA



ONTEM — HOJE — AMANHÃ

Subsídios para o estudo da sua Normalização

*Senhores Examinadores:*

O Estudo feito à INDÚSTRIA NACIONAL DA CORTIÇA, não sendo — na *especialidade*, nem técnico nem prático, assenta em toda a gama de elementos fornecidos por todos os industriais, produtores e exportadores por mim entrevistados.

Divide-se esta minha tese que intitulei — VISÃO PANORÂMICA ECONÓMICO-SOCIAL DA INDÚSTRIA NACIONAL DA CORTIÇA, em 3 Partes: ONTEM — HOJE E... AMANHÃ.

Antes de entrar, pròpriamente dito, na análise do ONTEM, permitam-me faça um pequeno bosquejo histórico da Cortiça em Portugal, respigado do que escrevi nos N.<sup>os</sup> 7, 8 e 9 dos meus «Cadernos de Divulgação», brevemente em distribuição.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

PORTUGAL embora não seja o único País produtor de Cortiça, pode ser considerado como o maior entre as Nações produtoras — Espanha, Algéria, França, Itália, Tunísia e Marrocos, segundo o que têm escrito alguns dos Economistas mais notáveis como Lamay, Primitivo Artigas, Italo Giglioli, Martignat, Cincinato da Costa, Campos Pereira, Visconde de Almeida Garrett e outros.

Graças às condições climatéricas e às terras pouco profundas e pouco compactas da faixa atlântica que constitui geogràficamente o continente português, o sobreiro vive no nosso País desde tempos imemoriais com um vigor que lhe permite atravessar grandes modificações geognósticas e resistir a inúmeras causas de destruição.

A Legislação Visigótica no seu último Código do Século VII, dá-nos notícia da existência de montados na Península Ibérica tanto na faixa mediterrânea (Hispania) como na atlântica (Lusitânia).

Se hoje exploramos os sobreiros, tendo como produto principal a Cortiça, assim não sucedia na Antiguidade, pois a sua cultura visava especialmente à produção de madeira e de fruto. Não admira que assim fosse, visto a madeira ter então grande consumo na construção naval e haver sido com sobreiro que se fabricaram as naus e as caravelas que nos levaram às conquistas e descobertas de caminhos marítimos, que glorificam a nossa História. Em tais períodos construíamos melhor do que o estrangeiro e para o liame a madeira de sobreiro ou sobreiro criado no País tinha primazia; e, como era muito necessária,

protegia-se e aconselhava-se a sua cultura, como tudo afirma o Padre Fernando Oliveira que no Século XVI escreveu o notável *Livro da Fábrica das Naus*.

Quanto à utilização do fruto, que ainda hoje é muito valioso, ela merecia especial interesse, principalmente no Sul do País, onde a fraca densidade da população obrigava a cultura extensiva e pastoril. As muitas coutadas doadas desde a fundação do Reino, destinavam-se àquele fim e à vedação da caça sendo o soveiro, que nelas se encontrava espontâneo, uma das espécies que mais interessava à montaria.

\*  
\*       \*  
\*

A Cortiça, que os marinheiros dos Descobrimentos chamavam «casca de soveiro» começou a ser apreciada, precisamente nessa Época. As nossas naus e caravelas levavam-na em bruto, trocando-a por outros produtos. Este comércio alargou-se de tal modo que em 1438, os mercadores portugueses diziam em Bruges, na Flandres, ao Duque de Borgonha, «não haver memória em contrário».

Por um contrato estabelecido em Junho de 1456, a exportação da Cortiça em bruto tornou-se num monopólio dirigido por alguns mercadores portugueses de Bruges.

Os exportadores do Reino, levaram as suas queixas às Cortes Gerais de Coimbra, Évora e Lisboa, sendo-lhes prestada Justiça no ano de 1498, passando a exportação da Cortiça a ser livre.

\*  
\*       \*  
\*

Nos princípios do Século XVII, com o desenvolvimento da indústria vidreira descobre-se que nenhum outro método de vedação se apresentava superior ao do «tampão» de cortiça natural depois de cozida. Este processo ou descoberta trouxe-a um catalão dos países orientais, estabelecendo-se na Catalunha, passando a fabricar «tampones» ou «corchos» de cortiça cozida em caldeirões e a vendê-los aos mercadores de vinhos. Segundo os diâmetros das bocas dos tunéis, das barricadas ou dos garrafões e garrafas, assim eram os calibres dos «tampones».

\*  
\*       \*  
\*

Embora não haja notícia concreta sobre a verdadeira época do início da Indústria Corticeira em Portugal, tenho dados que me habilitam afirmar que a Indústria deu os seus primeiros passos com a fabricação de rolhas no período áureo do

reinado de D. José I, e quando da fundação da Real Companhia, em Vila Nova de Gaia.

Há notícia de ter existido na Rua dos Marinheiros, na zona ribeirinha da Cidade do Porto, nessa época, uns *fabricos rolheiros* que forneciam as rolhas rudimentarmente feitas por mulheres aos mercadores do vinho do Porto. A Cortiça era adquirida nos montados transmontanos e enviada para Braga onde em caldeiras montadas na berma da estrada era cozida e depois cortada em bocados e negociados directamente com os rolheiros portuenses.

Porque o negócio corticeiro fosse prosperando tudo me leva a crer que os pequenos fabricos rolheiros se desenvolvessem e, da zona ribeirinha do Porto se trasladassem para a outra margem, pois em crónicas da época, encontrei referências ao fabrico rolheiro na povoação de Avintes; e, mais tarde, a notícia de que um «brasileiro» de Vila da Feira, montara em Terras de Santa Maria uma «Fábrica» mais aperfeiçoada para o fabrico de rolhas.

É natural que os «pequenos fabricos» fossem proliferando por aquelas terras, já por tradição de família, já porque a fabricação caseira de rolhas constituía a base fundamental da subsistência das gentes nortenhas muito aferradas ao torrão natal na modéstia dum viver simples.

A partir do Século XVIII, a Indústria Corticeira nortenha desenvolve-se notoriamente.

Já os industriais vinham ao Sul comprar a Cortiça nos montados. Apareceram as primeiras unidades fabris com visos de organização industrial.

A «garlopa» — sistema fabril mecânico mais aperfeiçoado para a produção rolheira — permitiu a multiplicação das pequenas «fábricas», que vendiam toda a sua produção aos então grandes industriais.

Na voragem do tempo foram desaparecendo uns para dar lugar a outros que, modernizando sistemas de fabricação, foram ampliando as suas actividades com a construção de novas instalações onde a Cortiça passou a ser «passada» com critério mais rigoroso, o número de linhas com classificação específica, depois de directamente comprada aos produtores das regiões do Centro e do Sul.

Contudo, o grande forte da Indústria Corticeira nortenha continua a ser a produção rolheira que atinge a elevada percentagem de setenta e seis por cento.

A par de óptimas instalações fabris, constituindo unidades industriais modernas com um cunho predominantemente técnico desde o equipamento até à concepção de produção industrial, predomina no entanto a existência de um maior número de pequenos «fabricos», onde as condições de trabalho e de produção industrial são as mesmas de há 200 anos!

\* \* \*

Continuando a fazer... um pouco de história sobre a Indústria Corticeira no nosso País, volto-me para as regiões de Além-Tejo.

Quando os rolheiros da zona ribeirinha do Porto passaram a vir ao Sul comprar a Cortiça e falando com tanto entusiasmo do seu negócio, lógico seria o natural interesse dos alentejanos. E, assim surgiu nessa época, o primeiro fabrico rolheiro do Sul, instalado numa aldeia alentejana situada próximo de Montemor-o-Novo, chamada SANTIAGO DO ESCOURAL.

A manufactura das rolhas foi-se então vulgarizando, instalando-se sucessivamente na Azaruja, em Évora-Monte, em Grândola, em S. Teotónio e, mais tarde em Portalegre, em Sines e nesta Cidade de Silves, generalizando-se depois por outras regiões do Sul e do Centro do País, principalmente, no Montijo, Alhos Vedros e Barreiro.

\* \* \*

*Senhor Presidente da Câmara Municipal de Silves  
Reverendo Senhor Padre José dos Santos Oliveira  
Senhor Luís Gonçalves Estêvão  
Senhor José João dos Santos Ribeiro  
Senhores Industriais Corticeiros  
Minhas Senhoras e meus Senhores*

Permitam-me um parêntesis para, à margem do meu modesto e desprezencioso trabalho, vos fale desta velha Cidade de Silves.

Sem desprimor para os que me ouvem, naturais de outras terras corticeiras e aqui vieram movidos pela curiosidade ou por interesse profissional, desejo dedicar um louvor a esta histórica quão hospitaleira, encantadora e pacata Cidade de Silves, berço de poetas e escritores, um dos quais, velho operário do jornalismo profissional, cuja pena brilhante durante uma vida inteira, soube honrar as tradições da Imprensa Portuguesa. É ele, JULIÃO QUINTINHA. Que os seus cabelos brancos de velho jornalista continuem rejuvenescidos pelo calor do seu espírito sempre moço em defesa das belezas naturais e históricas da sua terra natal.

Mas deixemos aos panorâmicas e o passado histórico da velhinha SCHELB que Julião Quintinha tem cantado em versos recamados de beleza e lirismo e voltemo-nos para a valoriza-

ção económica da Cidade de Silves que outro seu Filho, aqui presente, divulgou em prosa fluente nimbada de reais certezas. Chama-se LUÍS GONÇALVES ESTÊVÃO. São dele estas palavras:

«Silves foi o primeiro dos principais centros manufactureiros de Cortiça em Portugal e onde melhor, e com as melhores cortiças do Algarve e Baixo Alentejo, se fabricam as boas rolhas exportadas de preferência para a Inglaterra e países da Europa Central. Os seus operários — ministrados a princípio por técnicos vindos da Catalunha, aperfeiçoaram-se de certo modo na fabricação de rolhas de cortiça, dando lugar a que, lá fora no estrangeiro, o comprador procurasse sempre dar preferência nas suas compras, àquela mercadoria fabricada em Silves, e que ainda hoje mesmo em crise rolheira, muito se verifica».

Nas pessoas destes dois ilustres Silvenses dedico ao Passado e ao Presente da Cidade de Silves, duas quadras — filhas mais da minha sensibilidade do que do meu estro poético:

*SCHELB encanecida pela Lenda,  
terra perfumada, beleza sem igual,  
Tu és, entre muitas, a ofrenda  
que D. Sancho deu a Portugall*

*SILVES, terra da moira encantada,  
filha de Deus, feit'à sua maneira,  
És a terra feliz, eterna namorada  
da tua boa gente corticeira!*

\*  
\*       \*  
\*

Deixemos o Sonho e retomemos o fio da realidade —  
o EXAME!...

\*  
\*       \*  
\*

A Indústria organizada da Cortiça em prancha ou por grosso (assim lhe chamavam os antigos) é mais recente — data talvez, do último quartel do Século passado.

Foram seus iniciadores os algarvios, em especial, os naturais de S. BRÁS DE ALPORTEL. Gente dada à aventura, atrevida e independente, lançou-se ao negócio da compra da

Cortiça nos montados, vendendo-a depois aos fabricantes de quadros e rolhas, ou até mesmo a qualquer negociante que oferecesse melhores preços.

Conquistada a posição de grandes comerciantes de Cortiça, os homens de S. Brás de Alportel demandaram novas terras e nelas estabeleceram seus armazéns.

E foi assim que as povoações do MONTIJO e ALHOS VEDROS se tornaram em dois grandes Centros Corticeiros.

\*  
\*       \*  
\*

## O SOBREIRO

Bordejemos agora muito levemente essa extraordinária árvore que se chama — SOBREIRO.

Como V. Ex.<sup>as</sup> sabem e muito melhor do que eu, é uma espécie com floração sub-contínua apenas interrompida pelos frios hibernais; é uma árvore espontânea e cultivada desde Trás-os-Montes ao Algarve, constituindo com frequência, principalmente no Sul, só ou em companhia da azinheira autênticas e frondosas florestas.

Os grandes maciços destas árvores denominam-se MONTADOS.

Encontram-se no nosso País 3 variedades de SOBREIRO:

### GENUÍNA — OCIDENTALIS — SUBCRINITA

A variedade *Genuína* é frequente na região ao Sul do rio Tejo e com mais particularidade no Baixo Alentejo.

A variedade *Ocidental* encontra-se nos montados do Sul do País e mais ou menos em alguns locais da região do Centro.

A variedade *Subcrinita* existe em Trás-os-Montes, na Beira, no Alentejo e no Algarve.

O desenvolvimento do SOBREIRO PORTUGUÊS é vigoroso mesmo nas charnecas pobres alentejanas e o seu porte frequentemente excede as dimensões que se apontam em outros Países compreendidos na sua área de vegetação.

Muito embora a Lavoura, presentemente, traga muito descuidada a cultura do SOBREIRO — ainda se encontram sobreiros de nobres dimensões; porém, eles já são tão poucos que é lícito perguntar:

— QUE FAZER PARA NEUTRALIZAR A INDIFERENÇA DO PRODUTOR, MELHOR, O PROPRIETÁRIO DOS MONTADOS?...

Edição e Propriedade do  
**GABINETE DE ESTUDOS  
DE DIVULGAÇÃO ECONÓMICA,  
SOCIAL E TURÍSTICA**  
(Agremiado no.º 777 do  
**Grémio Nacional dos Livreiros e Editores)**